



O COMBATE DO SEIVAL (1926)

Coralio B.P. Cabeda

Produto de pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo autor, desde 1977, com a finalidade de recuperar a memória histórica da Revolução Tenentista de 1926.

Assunto de particular interesse para os estudiosos das campanhas militares internas nacionais

DE COXIM A PASO DE LOS LIBRES

Na madrugada de 14 de novembro de 1926, desembarcavam em Paso de los Libres, Argentina, dois emissários da Coluna Prestes: Djalma Soares Dutra e Lourenço Moreira Lima.

Vinham de longa jornada, iniciada em Coxim, Mato Grosso, para expor aos chefes revolucionários no exílio, general Isidoro Dias Lopes e Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, a situação da Coluna.

Esgotada física e materialmente, depois de sua longa marcha, sem notícias dos levantes que a deveriam secundar, pouco poderia ainda fazer, sozinha e naquele estado de penúria.

De mais a mais, Bernardes a tudo resistira na defesa de seu mandato. Na data maior da República deveria transmitir a faixa presidencial a Washington Luiz e, contra este, os "tenentes" da Coluna nada tinham: Quem sabe, pudesse ser negociada uma anistia, parcial que fosse, beneficiando, pelo menos, os soldados? Para facilitar o acordo, a Coluna estava disposta a depor as armas e a emigrar.¹

O que pensariam os chefes militar e político da revolução?

O velho general, incansável organizador e sempre esperançoso na vitória final, a que dedicava todas as suas energias, entendia não poder exigir maiores sacrifícios de quem chegara ao limite das forças. Entretanto, para ele, Washington Luiz seria a continuidade

do bernardismo, contra o qual a revolução fora feita. A “mudança de guarda” no Catete não poderia ser motivo suficiente para a desistência da idéia revolucionária. Novo movimento estava em preparação, prevendo-se a invasão do Rio Grande por quatro colunas, a partir da Argentina e do Uruguai. Essas colunas, sob o comando dos generais Bernardo Padilha, Zeca Neto, Leonel Rocha e Julio Barrios, contariam com o apoio civil e de forças do Exército, a sublevar em várias guarnições do estado. Um plano complexo e bastante ambicioso, preparado pelo estado-maior revolucionário. Assim, se a Coluna ainda pudesse resistir por dois meses, distraindo as forças governistas, daria tempo à aceleração dos preparativos. Em caso contrário, deveria emigrar e dirigir-se para o sul, a fim de reaparelhar-se para a nova campanha.

Enquanto, o tenente Hellen Brasília de Campos Salvaterra partia para o Uruguai, ao encontro do Dr. Assis Brasil, para ouvir-lhe a opinião e receber instruções, os acontecimentos se precipitavam.

LEVANTES EM SÃO GABRIEL E BAGÉ

Na noite de 13 para 14 de novembro, sargentos das guarnições de São Gabriel e Bagé tentavam a sublevação do 9º Regimento de Cavalaria Independente (9º RCI) e da 1ª Bateria do 3º Grupo de Artilharia a Cavalo (I/3º GACav).

Esses levantes, feitos à revelia do comando revolucionário, que não emi-

tira qualquer ordem para isso, fariam malograr a preparação do novo movimento. A revolução já nascia morta.

Em Bagé, a sublevação foi abafada dentro do quartel, mas à custa da vida do tenente Alvaro da Cruz Marques.

Em São Gabriel, sem conseguirem as adesões esperadas, e após tirotearem com forças policiais e civis durante a madrugada, os sediciosos, comandados pelo sargento Walter Corrêa da Silva, abandonaram a cidade, tomando o rumo de Caçapava. Essa retirada foi aconselhada pelo tenente Vicente Mário de Castro, oficial envolvido na conspiração e que, inutilmente, tentara demover os sargentos do seu intento.²

E por que Caçapava? Por ser um dos pontos de concentração previstos para quando soasse a hora da invasão do Rio Grande.

Município com forte tradição oposicionista, Caçapava detinha a singular posição de haver eleito e conseguido empossar um intendente não pertencente às fileiras do Partido Republicano Rio-Grandense. Lá, por certo, os revoltosos seriam acolhidos e aguardariam o desdobrar dos acontecimentos.

Quando a notícia dos levantes chegou a Libres, o general Isidoro percebeu toda a extensão da precipitação dos sargentos. Ainda assim, foi de parecer que não devessem ser abandonados à própria sorte. Malgrado as dificuldades de comunicação, apelou para que outros companheiros os secundassem. Alguns atenderiam o seu apelo. Nem todos, é verdade, que eram muitos os revolucionários dentro e fora das casernas.

Enquanto isso, o governo do Estado

e o comando da 3ª Região Militar tomavam providências.

No mesmo dia 14, partia de Santa Maria para São Gabriel o 4º Esquadrão do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar (IV/1º RC BM), sob o comando do capitão Eugênio Henrique Krum. Sua missão era perseguir e bater os revoltosos.

O LEVANTE DE SANTA MARIA

Dois dias depois, na madrugada de 16, novo levante militar. Dessa vez, em Santa Maria.

Sem poder contar com o fator surpresa, dado o estado de alerta das autoridades estaduais, e sentindo apertar-se a vigilância sobre os suspeitos de simpatias revolucionárias, um grupo de oficiais e sargentos do Exército atendeu ao apelo do general Isidoro.

As condições em que se processou o levante no 5º Regimento de Artilharia Montado (5º RAM) e no 7º Regimento de Infantaria (7º RI) eram muito desfavoráveis. Essas unidades, à época, tinham efetivos bastante reduzidos e a tropa estava no início do período de instrução. Vale dizer, tinham escasso valor militar. O elemento civil com que se contava, retraía-se, sentindo o perigo do fracasso. Outros companheiros de causa estavam ausentes, como o 2º Batalhão do 7º RI (II/7º RI), enviado para Rio Pardo.³ No lado oposto, vigilante, o 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar, unidade aguerrida e de valor reconhecido. Um adversário temível.

Às 03:00 horas, os tenentes Alcides e Nelson Gonçalves Etchegoyen iniciaram o levante no 5º RAM, logo

seguidos pelos tenentes Iguatemy Graciliano Moreira e Heitor Lobato Valle, no 7º RI.

Quando a força saiu à rua, já encontrou o 1º Regimento em posição. O movimento fora denunciado e o major Aníbal Garcia Barão, comandante interino, não perdera tempo na tomada de providências.

O combate estendeu-se a toda a linha, durante todo o dia, fazendo-se uso de duas peças de artilharia por parte dos revoltosos.

As comunicações de Santa Maria, maior centro ferroviário do Rio Grande, ficaram intactas. Os civis encarregados de sua destruição não apareceram. À tardinha, chegava de Cachoeira, por ferrovia, o único reforço recebido pelo 1º Regimento, a tempo de engajar-se no combate: 68 homens do Esquadrão Auxiliar daquela cidade, sob o comando do capitão Luiz Nery Pereira.

À noite, frente ao dilema da utilização maciça da artilharia, tal como em São Paulo, em 1924, e cujas conseqüências eram imagináveis, os revoltosos decidem pela retirada.⁴ Esta, processa-se pela noite e adentra a madrugada. De manhã, o 1º Regimento estava dono da cidade. Resistira e vencerá. Sem o seu 4º Esquadrão e somente com o auxílio do pequeno contingente de Cachoeira.

A tropa sublevada tomara o rumo de São Sepé. Eram cerca de 350 homens, dos quais apenas 150 montados. Junto, iam duas peças de artilharia, trambolho inútil para a campanha que se ia travar, e três metralhadoras pesadas *Hotchkiss*, cujo valor cedo far-se-ia sentir.

Curiosamente, não houve perseguição. Apenas elementos lançados em missão de descoberta, que retornaram com algumas informações e soldados extraviados.

PROVIDÊNCIAS DO GOVERNO

Pressentindo a amplitude do movimento e seus possíveis desdobramentos, o governo apressa o deslocamento de forças. Para São Gabriel é enviado o 8º Batalhão de Caçadores (8º BC), vindo de São Leopoldo. Para Santa Maria, um contingente do 7º Batalhão de Caçadores (7º BC), aquartelado em Porto Alegre. Cacequi, importante entroncamento ferroviário, é ocupado por 50 praças do Depósito de Remonta de São Simão, às ordens do major Luiz Carlos de Moraes. A esse oficial incumbe o comando da 3ª Região Militar organizar um destacamento para perseguir os revoltosos.

Sua composição é heterogênea. Além do contingente da Remonta, o 6º Regimento de Cavalaria Independente (6º RCI), de Alegrete, o IV/1º RC BM então em São Gabriel, mais um "Corpo de Patriotas", arregimentado pelo Intendente de Alegrete, Dr. Oswaldo Aranha, no interior do município. Esses últimos, segundo o major Moraes, apresentam-se "mal organizados, sem fardamento e equipamento, mas com muito entusiasmo, que lhes era transmitido pela personalidade de seu chefe",⁵ o Dr. Aranha.

Entretanto, os problemas não param af. O 6º RCI, além das deficiências materiais, "era quase todo ele simpático aos revolucionários".⁶ Daí, haver o major Moraes escolhido ape-

nas 140 homens, sob o comando do capitão Gustavo Adolfo Ramos de Mello, e retirado sua dotação de armas automáticas. O restante da unidade é deixado na estação ferroviária de Bela Vista (hoje Tiaraju), no município de São Gabriel, para onde se deslocara o destacamento, vindo de Cacequi.

NOVO LEVANTE EM SÃO GABRIEL

Enquanto essas providências eram tomadas, ao entardecer do dia 19 o tenente Vicente Mário de Castro, acompanhado de 38 praças da 1ª Bateria do 6º Grupo de Artilharia a Cavalo (I/6º GACav), abandonava a velha caserna do "Boi de Botas", em São Gabriel, para reunir-se aos companheiros sublevados.

Esse oficial, que mantinha estreitas ligações com o tenente Alcides Etchegoyen, tentara, em vão, evitar a eclosão prematura do movimento. Não o conseguindo, aguardava a hora oportuna para cumprir a palavra empenhada. Sabe que a vigilância sobre os suspeitos é redobrada. Há espionagem nos quartéis. A cidade está ocupada pelo IV/1º RC BM e pelo 8º BC. Após certificar-se do rumo tomado pela tropa de Santa Maria e das medidas para sufocar a rebelião, toma a decisão amadurecida. E não é sem tempo. Mal abandonava o quartel e este era cercado pelo 8º BC. Tivera tempo de ver o espionagem correr ao telefone...⁷

Tomando o rumo da campanha, a I/6º GACav procura a adesão de opositoristas civis do município. Entre eles, o forte charqueador Dr. José Antônio Martins, que constava ter gente

armada e municida em seu estabelecimento. Não o conseguindo, segue para o município de Caçapava, guiado por um vaqueano. Objetivo: *Seival*.

O DESTACAMENTO MAJOR MORAES

Na tarde de 20 de novembro, na estação de Bela Vista, o major Moraes concluía a organização de seu destacamento. São, aproximadamente, 800 homens, assim distribuídos: contingente do Depósito de Remonta, no valor de um pelotão, 50 homens; 6º RCI, no valor de um esquadrão, 140 homens; "Corpo de Patriotas do Alegrete", 522 homens; IV/1º RC BM, ainda em São Gabriel, 97 homens.

Os atores do drama que se irá desenrolar em cinco dias, estão quase todos definidos.

Ao IV/1º RC BM é dada ordem de deslocamento para o Passo do Rocha, no rio Vacacaí, a fim de guarnecê-lo e aguardar a junção com o grosso do destacamento.

A medida faz-se necessária, pois chegam notícias de que os rebeldes de Santa Maria haviam cruzado o banhado de Santa Catarina e penetrado no município de São Gabriel. Seus potreadores, em missão de arrebanhar cavalaria para a infantaria, tirotearam com a peonada de estancieiros da região.

À primeira hora do dia 21, o Destacamento Major Moraes deixa a estação de Bela Vista, rumando para a estância do Guabiju, em cujas imediações fora o inimigo assinalado. Este, com efeito, bivacara na noite anterior nos matos do Vacacaí, entre os passos do Rocha e do Camisão.

Com seu efetivo já todo montado, embora muitos em pêlo, deixara para trás os canhões, a fim de aligeirar a marcha. Cruza o Vacacaí no Passo do Camisão, adentrando no município de São Sepé. Um pelotão é designado para ocupar aquela vila e inutilizar as comunicações. O grosso, segue rumo ao Passo da Juliana, no arroio São Sepé.

Como se pode depreender, buscam o município de Caçapava, tal como seus companheiros de empreitada.

Chegado ao Guabiju, o major Moraes recebe novas informações sobre o inimigo. Um sargento do Exército se apresenta, dizendo-se evadido daquela força, a qual fora obrigado a acompanhar na retirada.

O comandante legalista tem, agora, dados completos sobre o efetivo e, principalmente, sobre o armamento e a munição do inimigo.⁸

Feito o estudo da situação, resolve lançar dois elementos de descoberta. Um, sobre São Sepé, comandado pelo major Laurindo Ramos, companheiro e homem de confiança do Dr. Oswaldo Aranha. O outro, sob o comando direto deste último, no rumo de Tapera. As duas partidas vão fortes de uns 200 homens cada uma. São constituídas pelos "provisórios" do Alegrete, reforçados por soldados do 6º RCI e da Remonta.

A missão que lhes é atribuída é clara: descobrir e fixar o inimigo, dando tempo à aproximação do restante do destacamento e à manobra. Principalmente, evitar um engajamento a fundo. O major Moraes teme pelo temperamento feroso do Dr. Aranha. Sabe que o inimigo é enquadrado por soldados profissionais e que, por certo,

saberá tirar partido do armamento automático de que dispõe. Seu temor não será em vão...

O destacamento tem como eixo de marcha, no município de São Sepé, o caminho de Santa Bárbara-Bossoroca, através do qual as duas avançadas deverão manter ligação permanente.

Esses princípios elementares, pelo seu descumprimento, terão papel decisivo na luta que se avizinha.

A força ao comando do Dr. Aranha, atravessando o Vacacaí no Passo do Rocha, incorpora o IV/1.º RC BM, que ali se encontrava. Essa iniciativa é tomada sem o conhecimento e a autorização do major Moraes.⁹

Primeiro ato de indisciplina operacional...

VÉSPERAS DO COMBATE

Enquanto isso, eram acolhidos na estância do coronel Favorino Dias, no Seival, os soldados do 9.º RCI e da I/6.º GACav.

Aquele líder oposicionista, homem de prestígio na região, está a par do movimento, pois colabora nas ligações entre militares e civis, desde há tempos. Reúne sua gente. Familiares, peonada, antigos combatentes de 1923, correligionários. São uns 70 homens, armados e municados por ele, entre os quais contam-se seus filhos, genros e os caudilhetos Higino Pereira e João Castelhana. Este último, fora o guia da tropa do 9.º RCI até o Seival.

O elenco, finalmente, está completo.

Enviaram-se vaqueanos em busca da tropa de Santa Maria, cuja ligação é feita no dia 23.

O tenente Vicente Mario de Castro, sabendo da aproximação do inimigo, efetua um reconhecimento no terreno. Avalia, logo, as possibilidades por este oferecidas. As alturas do Seival proporcionam a organização de forte posição defensiva, capaz de abrigar a reunião dos revolucionários e esperar, com vantagem, o inimigo que se aproxima.

O Destacamento Major Moraes, depois de receber algumas informações de suas avançadas, perde com elas o contato. Envia, então, 1/2 pelotão, comandado por um sargento, para reatar a ligação. O 1/2 pelotão não regressa. Também fora incorporado.¹⁰ É o segundo ato de indisciplina operacional...

No dia 24, está a tropa de Santa Maria acampada no Seivalzinho (Passo do Seival), quando recebe um chasque, informando da aproximação de uma coluna inimiga. É a força do major Laurindo Ramos. O terreno, limpo, não se presta para um enfrentamento. Além disso, o objetivo da marcha está próximo. Decide-se, então, por uma ação de retardamento, para a qual é destacado o sargento Cândido Gonçalves de Moura. Nessa ação, morrem alguns soldados do Exército e o inimigo fica de posse do acampamento recém-abandonado. Como depois reconheceria o major Moraes em seu relatório, esse pequeno acontecimento, sem maior importância, teria influência decisiva nos eventos do dia seguinte.¹¹

Avisado do ocorrido, o Dr. Aranha faz junção com a força do major Laurindo Ramos. Manda executar o toque de vitória¹² e expede um chasque ao major Moraes. No bilhete, diz

que “alcançara os revoltosos em plena debandada e julgava terminada a revolta; era um simples caso de polícia, não mais comportando operações militares”...¹³

O princípio da não subestimação do adversário, também deixava de ser obedecido.

Nessa mesma tarde de 24, era completada a reunião das forças revolucionárias.

Os oficiais fazem o reconhecimento das posições previamente escolhidas pelo tenente Vicente. Constituem-se de elevação pedregosa, com declives suaves para o lado direito. À sua frente e um pouco mais abaixo, uma cerca de pedra, que termina em um capão de mato. À cerca de 300 metros deste, correndo em sentido oblíquo, uma sanga barrancosa. Depois, a grande várzea do Seival. À esquerda da elevação, um esporão pedregoso, apoiado em afloramentos rochosos. O conjunto forma um grande arco, com amplo domínio sobre o terreno e a várzea do Seival.¹⁴

Não poderia haver melhor escolha.

Na reunião que se segue, assume o comando tático o tenente Alcides Gonçalves Etchegoyen. O coronel Favorino Dias é escolhido comandante geral da força revolucionária, pelo seu prestígio e dedicação.

A noite de 24 para 25 de novembro é passada em rigorosa prontidão, já com as posições ocupadas.

São, aproximadamente, 400 homens, entre civis “maragatos”, oficiais e praças do 9º RCI, 5º RAM, 7º RI e I/6º GACav.

O centro do dispositivo é ocupado por elementos do 5º RAM e 7º RI,

com duas metralhadoras Hotchkiss nas extremidades; o flanco direito, pelo 9º RCI; o flanco esquerdo, representado pelo esporão, por outros elementos do 5º RAM e, no capão de mato, a força civil do coronel Favorino Dias.

Um pouco à retaguarda, guardando a direção de Caçapava, a I/6º GACav. Como reserva, elementos do 7º RI e a terceira metralhadora pesada.

Estava armado o palco para o Combate do Seival.

Uma rede de sentinelas duplas é disposta, a fim de evitar surpresas e trazer o comando informado dos movimentos do inimigo. Este, ocupando o acampamento abandonado no Seivalzinho, não dá mostras de pressa e ali pernoita.

O restante do destacamento, com o major Moraes, está no Maricá, à boa distância dali.

O que temia, vai ocorrer nas próximas horas.

Levado pelo entusiasmo de uma vitória fácil, subestimando adversário e terreno, seus vanguardeiros trarão combate sem esperar pela junção com o restante do destacamento.

Nem reunião de forças, nem manobra. Apenas a bravura cega contra o poderio de fogo. A desobediência aos mais comezinhos princípios da guerra será fatal. E por que tal proceder? Talvez, como diria, mais tarde, o biógrafo de um dos participantes, “como as forças do governo quase sempre levavam vantagem na ação, mercê da superioridade em homens, armamento e munição, tal fato acabou por formar, no ânimo e no pensar de cada um, invariável atitude: avançar à outrance, avançar sempre; derrotar

o inimigo à bala, a grito, a pelego..."¹⁵

Mas, agora, não se tratava de adversários mal armados, com uma cópia de material obsoleto e heterogêneo, quase sempre com munição insuficiente. O inimigo faria valer sua disciplina de fogo e tirar partido do terreno e das armas automáticas. O Seival iria assistir a uma das últimas cargas de cavalaria. Estava morrendo a guerra à gaúcha...

O COMBATE

Ao amanhecer do dia 25, pelas 05:00 horas, rompe na várzea do Seival, em ordem unida, como se fosse participar de um desfile, a força governista.

De suas posições, o inimigo tudo observa e não acredita no que vê. Não há reconhecimento em profundidade, nem segurança nos flancos. A força marcha, impávida, para o seu destino!

Devem ser uns 500 homens, ou pouco mais, pois aos 400 atribuídos originalmente aos dois comandantes, o Dr. Aranha incorporara o IV/1.º RC BM, mais o 1/2 pelotão enviado em busca de notícias.

À distância adequada, a força enrincheirada concentra sobre ela nutrido fogo de armas automáticas, que abre os primeiros claros na coluna em desfile.

À surpresa inicial, segue-se a busca de melhores posições para a reação. Os comandantes ordenam e a gauchada carrega sobre o inimigo. Começa a carnificina. O terreno é amplamente batido pelos fogos dos revolucionários. Nem assim parecem atemorizar aquela

gente. As cargas doidas, suicidas, se sucedem, ora num, ora noutro flanco, aos gritos de "lança a metralhadora!", "degola os baianos!"¹⁶

Alguns, vêm morrer praticamente em cima dos defensores. Os mais atrevidos, procuram, efetivamente, laçar as *Hotchkiss*, que continuam ceifando homens e cavalos. Repelidos, retornam à carga. Em dado momento, o flanco esquerdo, localizado no esporão, cede ante o ímpeto dos atacantes. É o momento de maior perigo para os defensores, pois, pela brecha, poderá ocorrer o envolvimento de toda a linha. Um grupo dirige-se sobre o centro do dispositivo e é rechaçado pelo tenente Iguatemy e pelos quatro serventes da metralhadora ali localizada. Pela brecha vão entrando mais atacantes, ameaçando a retaguarda. Acorre, então, o tenente Vicente com a I/6.º GACav e consegue fechá-la. A sanga barrancosa serve de ponto de partida para as cargas. Lá, as forças regulares, constituídas pelo IV/1.º RC BM e pelo 6.º RCI, procuram formar um núcleo mais organizado, utilizando seus FM para dar cobertura aos atacantes. Combatem a pé, tendo deixado as montarias abrigadas. Os pelotões dos tenentes Teófilo André dos Santos e Júlio Figueira, do IV/1.º RC BM, tentam avançar, mas o terreno em frente é varrido pelo fogo. Sofrem as baixas mais pesadas do esquadrão.¹⁷ A fuzilaria aumenta de intensidade e é grande o consumo de munição. As baixas crescentes começam a pesar sobre o ânimo dos atacantes. No capão de mato, defendido pelos "maragatos" do coronel Favorino Dias, e na cerca de pedra, ocupada pelo 9.º RCI, o com-

bate também vai aceso. Nesta posição, luta um combatente original: uma mulher! É a companheira de um soldado do 9º RCI, que vem desde São Gabriel e fará toda a revolução como combatente. Ali, os atacantes não têm melhor sorte. As cargas estão arrefecendo. São quase cinco horas de luta encarniçada. Não faltam os entreveros e os lances de bravura anônima.

Tentando incutir ânimo novo aos seus comandados, o Dr. Oswaldo Aranha lidera nova carga sobre o flanco esquerdo, ao grito de “vamos mudar de pelego!”¹⁹ É derrubado por uma bala de fuzil. Ainda procura forças para incentivar os companheiros, mas desfalece por efeito da hemorragia.

Indiferente às balas, numa ostentação de bravura serena e consciente, um de seus soldados vai recolhê-lo. Da posição em frente, o adversário sabe reconhecer-lhe o valor e o poupa.²⁰

A perda do chefe, em quem se depositava aquela fé cega, capaz de levar aos maiores cometimentos, dá uma sensação de orfandade à tropa legalista. Não resta outro caminho senão a retirada. É o major Laurindo Ramos, também ferido, que dá a ordem.

O campo está juncado de cadáveres.

O adversário leva a perseguição a pouca distância, pois também está esgotado. É hora de recolher os troféus e pensar nos feridos. Para Caçapava é despachado um chasque pedindo socorro médico, que a força revolucionária tem apenas um capitão veterinário, Joaquim Fernandes Barbosa, a desdobrar-se, fazendo o que pode. De lá, virá uma ambulância da Cruz Vermelha, organizada pelo gerente do

Banco da Província, Dário Manoel Alves, para executar sua piedosa tarefa.²¹

No caminho da retirada, a força legalista é alcançada pelo major Moraes. Este, levantando acampamento do Maricá, onde pernoitara, é informado por sua vanguarda, comandado pelo major Luís Aranha, de tiroteio para os lados do Seival. Apressa a marcha, dificultada pelo terreno que tem de atravessar, um paredão correndo paralelamente à estrada.

Ao encontrar o major Laurindo Ramos, recebe a notícia amarga: “Fomos completamente derrotados. Estou sem munição e o Dr. Aranha foi ferido gravemente.”²²

A ordem de sustar a retirada, a fim de reunir o destacamento e contra-atacar, é inútil. O abatimento pela derrota, a perda do chefe, as baixas elevadas, a falta de munição, tudo se soma para inviabilizar qualquer tentativa de desforra. Resta acolher os retirantes e evacuar os feridos, que são em grande número. Nisso, gasta-se o resto do dia. Como diria o major Moraes, quase vinte anos mais tarde, “a deserção da gente do Alegrete, nesse dia, foi muito grande, ficando o meu destacamento reduzido a pouco mais de 400 homens”.²³

O Dr. Oswaldo Aranha é recolhido pelo Dr. Júlio Coelho Leal e pelo coronel Hipólito Souza, sendo levado para a casa do primeiro, em Lavras, onde recebe os cuidados dos Drs. Pires Porto e Bulcão.²⁴ Será evacuado para Bagé. Tem um longo calvário pelo frente.

A vitória do Seival incutiu novo ânimo aos revolucionários e vai pro-

porcionar as energias que prolongarão a revolução por mais um mês.

Virão as adesões, ainda que pequenas. A junção com Zeca Neto, alguns dias depois, trará à coluna revolucionária a experiência e o conhecimento dos homens e do terreno daquele velho lidador.

Contra eles, o governo terá de mobilizar maiores forças, pois compreenderá que não se trata de um simples caso de polícia.

Pode-se afirmar que o Seival é o zênite da revolução.

Para os estudiosos das nossas campanhas internas oferece ensinamentos batante interessantes, que estão à espera de um intérprete.

Quanto ao Destacamento Major Moraes, vai refazer-se no Passo do Hilário, sobre o rio Camaquã. Será reorganizado e continuará prestando bons

serviços à causa da legalidade até o fim do movimento revolucionário.

Entretanto, não terá outra oportunidade, como a que se lhe ofereceu no Seival. Ali, quem sabe, teria morrido a revolução, como reconheceu o próprio comandante.²⁵

Muito embora a dificuldade em aceitar a vitória do adversário, esta deve ter calado fundo no ânimo das autoridades governamentais.

A imprensa, que vinha noticiando amplamente os acontecimentos, publicava a seguinte nota, no dia seguinte, 26 de novembro de 1926: "Movimento Sedicioso — a Chefatura de Polícia, a quem está afeta a censura da imprensa, desde que foi decretado o estado de sítio, determinou, ontem, que os jornais não podem mais publicar notícias relativas ao movimento sedicioso."²⁶

NOTAS

1. Para uma descrição da missão a Paso de los Libres, ver LIMA, Lourenço Moreira, *A Coluna Prestes (Marchas e Combates)*, editora Alfa-ômega, São Paulo, 1979, 3ª ed. fac-similada e ilustrada, págs. 470/73.
2. Depoimento do Cap R/1 Walter Corrêa da Silva, arquivo do autor.
3. Depoimento do 2º Ten R/1 Dionysio Ferreira Marques, arquivo do autor.
4. Depoimento do 1º Ten Heitor Lobato Valle, arquivo do autor.
5. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências da Revolta de uma Bateria do 5º Regimento de Artilharia*, 02.07.1944, arquivo do autor.
6. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências*, cit.
7. Depoimento do Cel R/1 Vicente Mario de Castro, arquivo do autor.
8. Para uma descrição da formação do Destacamento Major Moraes, ver Relatório de Operações do Destacamento Major Moraes contra os Rebeldes no Movimento Subversivo da Ordem Pública em 1926; cópia no Arquivo do Exército, Rio.
9. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências*, cit.
10. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências*, cit.
11. Relatório das Operações do Destacamento Major Moraes, cit.
12. Depoimento do Cel PM (R) Eurydes Siqueira de Barcellos, Porto Alegre, 10.08.85, arquivo do autor.
13. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências*, cit.
14. Depoimento do Cap R/1 Walter Corrêa da Silva, cit.

15. CAVALCANTI, Abelardo, *Os Bravos não Morrem* — Cenas do Sul, Gráfica de Edições Paulinas, Caxias do Sul, 1979. Trata-se da biografia do Cel Martim Cavalcanti.
16. Depoimento do 2º Ten R/1 Dionysio Ferreira Marques, cit.
17. Parte de Combate do Cap Eugênio Henrique Krum, Boletim da Brigada Militar, nº 22, 27.01.1927.
18. Depoimento do Cap R/1 Walter Corrêa da Silva, cit.
19. Depoimento do Cel PM (R) Eurydes Siqueira de Barcellos, cit.
20. Em 1929, quando da conspiração para a revolução que eclodiria no ano seguinte, o Tenente Vicente Mario de Castro e o Dr. Oswaldo Aranha rememoraram o Combate do Seival. Naquela ocasião, pela troca de idéias, verificaram que o autor do ferimento seria o tenente Vicente, o que, até então, ambos ignoravam (depoimento do Cel R/1 Vicente Mario de Castro, cit).
21. Depoimento do Sr. Dário Manoel Alves, Porto Alegre, 1986, arquivo do autor.
22. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências*, cit.
23. MORAES, Cel Luiz Carlos de, *Reminiscências*, cit.
24. Depoimento do Dr. Júlio Coelho Leal a Mario L.P. Cabeda, Cachoeira do Sul, 17.01.1979, arquivo do autor.
25. MORAES, Maj Luiz Carlos de, *Relatório das Operações*, cit.
26. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26.11.1926, pág. 4, secção Diversos.



CORALIO BRAGANÇA PARDO CABEDA, natural de São Gabriel (RS), economista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1967); técnico do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE); sócio-fundador do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul; sócio-efetivo do Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL), de Porto Alegre, do qual foi Presidente em 1987/88; sócio-correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; membro-efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Prestou serviço militar no 3º BECmb (Cachoeira do Sul, RS).